

O ÚLTIMO ROMÂNTICO  
São Josemaria no século XXI



MARIANO FAZIO

O  
ÚLTIMO  
ROMÂNTICO

São Josemaria no século XXI

Tradução  
Silvia Massimini Felix



QUADRANTE

© Ediciones Rialp, S.A. Madrid, 2018

Capa  
Karine Santos

Título original  
*El último romántico: san Josemaría en el siglo XXI*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Fazio, Mariano

O último romântico : São Josemaria no século XXI / Mariano Fazio; tradução Silvia Massimini Felix – 2ª ed. – São Paulo : Quadrante, 2026.

Título original: *El último romántico: san Josemaría en el siglo XXI*.

ISBN: 978-85-54991-13-5

1. Escrivá de Balaguer, Josemaria, Santo, 1902-1975 2. Opus Dei - História I. Título

18-19074

CDD 282.092

---

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Santos : Igreja Católica : Biografia 282.092

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA  
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270  
CEP 01252-020 - São Paulo - SP  
www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

# Sumário

Apresentação	7
Nota à edição brasileira	11
Introdução	13
<b>PRIMEIRA PARTE - Os caminhos divinos da terra</b>	
1. Num 2 de outubro, há noventa anos	21
2. A graça de Deus, vinte e seis anos e bom humor	29
<b>SEGUNDA PARTE - Contemplativos no meio do mundo</b>	
1. A centralidade de Cristo	41
2. Filhos do Pai misericordioso	57
3. Dóceis ao Espírito Santo	67
<b>TERCEIRA PARTE - Na Igreja e no mundo</b>	
1. Amor à Igreja	79
2. Amar o mundo apaixonadamente	91
3. Como os primeiros cristãos	99

#### QUARTA PARTE - **A liberdade, dom de Deus**

- |                                       |     |
|---------------------------------------|-----|
| 1. A liberdade dos filhos de Deus     | 113 |
| 2. A liberdade das consciências       | 123 |
| 3. Não há dogmas nas coisas temporais | 131 |

#### QUINTA PARTE - **Em todas as encruzilhadas da terra**

- |  |     |
|--|-----|
| 1. O trabalho nasce do amor, manifesta o amor,<br>orienta-se para o amor | 145 |
| 2. Lares luminosos e alegres   | 155 |
| 3. Cidadania   | 169 |
| 4. Uma só raça, a raça dos filhos de Deus                                | 177 |
| 5. Entre pobres e enfermos   | 185 |
| 6. Amigos de Deus e dos homens   | 193 |
| Conclusão: O mundo é Emaús   | 203 |
| Apêndice   | 205 |
| O realismo humano da santidade   | 207 |

# Apresentação

São Josemaria costumava falar, a respeito do espírito que Deus o fez ver em 1928: «Ele é velho como o Evangelho, e, como o Evangelho, novo»<sup>1</sup>. Velho, porque tem sua fonte em uma mensagem com mais de vinte séculos de história, e porque encontra sua expressão mais diáfana na vida dos primeiros cristãos. E novo, porque o Evangelho não envelhece: é, na realidade, a verdadeira novidade da história. A vida dos discípulos de Jesus começou a rejuvenescer desde muito cedo a vida de uma sociedade envelhecida: renovou-a com a juventude e a novidade de Deus.

A nossa «sociedade cansada» também precisa que os cristãos lhe transmitam essa alegria de viver. Como acontece com todos os carismas que o Espírito Santo suscita na Igreja, a força rejuvenescedora do espírito do Opus Dei sai toda ela do Evangelho. «Que procure Cristo. Que encontre Cristo. Que ame a Cristo», repetia São Josemaria. Graças a Deus, já existem milhares de pessoas que, através dele, descobrem o Senhor em suas vidas diárias. Os abundantes

---

(1) Josemaria Escrivá, *Entrevistas com Mons. Josemaria Escrivá*, 4ª ed., Quadrante, São Paulo, 2016, n. 64.

escritos, textos e vídeos que conservamos de sua pregação e de suas conversas multitudinárias continuam a abrir horizontes para muitos cristãos, e também para outras pessoas que procuram Deus e percebem a atratividade da fé.

«O último romântico». Com esse título eloquente, tirado dos lábios de São Josemaria, Mariano Fazio nos lembra como o fundador da Obra foi um apaixonado defensor da liberdade. Em seus ensinamentos, «o respeito pela liberdade dos outros nunca é indiferença, mas uma consequência do amor, da caridade, que sabe valorizar *cada* homem em sua realidade concreta»<sup>2</sup>. Ao aplicar a si mesmo o nostálgico nome de «último romântico», São Josemaria queria acima de tudo interpelar aqueles que o ouviam, para despertar neles o mesmo amor pela liberdade que carregava em seu coração: «Não me deixeis como *o último dos românticos*. Este é o romantismo cristão: amar a liberdade dos outros, com carinho»<sup>3</sup>.

Com essa chave de leitura, vários aspectos da perspectiva do Evangelho inspirada por Deus a São Josemaria são abordados nestas páginas: a alegria de ser filhos de Deus, o trabalho como lugar de santidade, o caráter positivo da secularidade, a importância da vida familiar e do amor, o valor da pluralidade, a repercussão social da vida de cada cristão. O autor realizou essa tarefa com um esforço de síntese e de divulgação que garante uma leitura sugestiva e amável. Este livro também adquire uma relevância especial à medida em que se aproxima do nonagésimo aniversário do momento em que Deus abriu diante dos olhos de São Josemaria esse

---

(2) Cornelio Fabro, «El primado existencial de la libertad». *Scripta Theologica*, vol. 13 (2-3), 1981, pág. 337.

(3) São Josemaria, *Notas de uma homilia*, 18.05.1974 (AGP, Biblioteca, PO1, 1974, pág. 1107).



panorama de santidade no meio do mundo. Espero que redescubramos cada vez mais profundamente a novidade perene do que ele proclamava aos quatro ventos: «Aí onde estão os nossos irmãos, os homens, aí onde estão as nossas aspirações, o nosso trabalho, os nossos amores, aí está o lugar do nosso encontro cotidiano com Cristo»<sup>4</sup>.

Fernando Ocáriz  
Prelado do Opus Dei

---

(4) Josemaria Escrivá, *Entrevistas*, n. 113.



## Nota à edição brasileira

O livro que o leitor tem em mãos foi publicado originalmente em espanhol, e já foi traduzido para o inglês e para o italiano. Enche-me de alegria que seja também traduzido para o português, pela Quadrante Editora. São muitos os motivos que contribuem para a minha alegria, mas um em particular tem mais peso: o profundo amor pelo Brasil que São Josemaria tinha no coração.

O fundador do Opus Dei incentivou de Roma o trabalho apostólico no imenso território brasileiro, e se encheu de agradecimento ao Senhor quando pôde visitar o país pessoalmente em maio de 1974. São Josemaria comovia-se com a abertura do Brasil para acolher todo tipo de gente, com a convivência pacífica da sua população numerosa e diversificada, com a alegria do seu povo.

«O Brasil!», exclamou perante um público numeroso em São Paulo. «A primeira coisa que vi foi uma mãe grande, bela, fecunda, terna, que abre os braços a todos, sem distinção de línguas, de raças, de nações, e a todos chama filhos. Grande coisa é o Brasil! Depois, vi que vos tratais de uma maneira fraterna, e fiquei comovido».

Juntamente com o reconhecimento dos dons que o Senhor havia dado à nação brasileira, São Josemaria queria despertar o sentido de responsabilidade dos seus filhos. Acrescentava: «Neste país, naturalmente, abris os braços a todo o mundo e o recebeis com carinho. Eu queria que isso se convertesse num movimento sobrenatural, num empenho grande de dar a conhecer Deus a todas as almas; de unir-vos, de fazer o bem não só neste grande país, mas no mundo todo. Podeis! E deveis! E, dado que o Senhor vos dá os meios, dar-vos-á também a vontade de trabalhar».

O chamado para o sentido de responsabilidade que São Josemaria dirigiu aos brasileiros continua a ser atual. Tomara que as páginas deste livro contribuam para tornar mais presente o espírito desse santo do nosso tempo, que tanto admirava o Brasil e que nele depositou tantas esperanças. Peço a Nossa Senhora Aparecida para que se faça realidade o desejo de São Josemaria: «Entendo que o povo brasileiro é e será um grande povo missionário, um grande povo de Deus, e que vós sabereis cantar as grandezas do Senhor por toda a terra».

O autor  
Roma, julho de 2018

## Introdução

Era 22 de junho de 1974. Bem cedo, peguei um trem na estação do Retiro em Buenos Aires e, depois de uma breve viagem, desci em Bella Vista, localidade onde há uma casa de retiros: La Chacra. Fazia apenas uma semana desde o meu primeiro encontro com o Opus Dei. Um companheiro de colégio tinha me convidado para visitar um centro cultural onde se oferecia formação cristã aos estudantes, e explicou que o fundador da instituição que dava o espírito desse centro estava prestes a chegar. Eu fui, numa sexta-feira, a uma meditação dada por um sacerdote para meninos da minha idade – eu tinha acabado de completar catorze anos. Lembro-me como se fosse hoje do conteúdo da meditação. O pregador nos encorajava a aproveitar a passagem de Mons. Josemaria Escrivá pela Argentina, para que não deixássemos «passar o trem» de conhecer o fundador e não perdêssemos a oportunidade de nos aproximar do Senhor.

Cheguei a La Chacra com a curiosidade de conhecer uma «pessoa importante». Encontrei um grande número de estudantes de ensino médio e universitários que, como eu, foram convidados a participar de uma reunião familiar com Mons. Escrivá. Estaria mentindo se dissesse que me

lembro de tudo o que ele nos falou na ocasião. Minhas lembranças claras são as seguintes: vi um sacerdote que sorria de orelha a orelha e que transmitia com naturalidade uma grande alegria; suas palavras eram positivas, encorajadoras, compreensivas e, ao mesmo tempo, amavelmente exigentes. Uma frase ficou gravada em meu coração: «Buenos Aires tem de ser a cidade das almas felizes». Notei que algo dentro de mim estava começando a arder.

Guardo outra recordação bem definida. Um dos presentes disse a São Josemaria: «Padre, o senhor mudou a minha vida». Confesso que isso me atingiu. Ajudou-me a fazer um exame de consciência e a chegar à conclusão de que eu também tinha de mudar.

Fui com o desejo de conhecer uma pessoa importante. Voltei a Buenos Aires com um horizonte existencial diferente do que eu tinha antes do meu encontro com ele. Nunca mais vi São Josemaria nesta terra, mas esse breve encontro familiar numa manhã de inverno de 22 de junho de 1974 mudou a minha vida. O sorriso em seu rosto ficou gravado na minha memória e na minha imaginação, e tem sido um incentivo para que eu procure sorrir mesmo quando, aparentemente, não há motivos para fazê-lo.

Na década de 1970, vivia-se um período convulsivo. O ano de 1968 ainda não havia dado seus últimos estertores. Todo o mundo exigia liberdade: nada de regras ou ordens, apenas libertação, espontaneidade, autenticidade. Poucos meses antes do meu encontro em La Chacra, São Josemaria teve várias conversas com alguns universitários que tinham vindo a Roma para participar de um congresso. Em uma dessas reuniões, ele se definiu como *o último romântico*. O santo aragonês se considerava um continuador dos românticos do século XIX que lutavam pela liberdade pessoal: «Penso que

sou o último romântico, porque amo a liberdade pessoal de todos – a dos não católicos também». E continuava: «Amo a liberdade dos outros, a vossa, a do que passa agora mesmo pela rua; porque, se não a amasse, não poderia defender a minha. Mas não é essa a principal razão. A razão principal é outra: é que Cristo morreu na Cruz para nos dar a liberdade, para que permanecêssemos *in libertatem gloriae filiorum Dei* [«na liberdade e glória dos filhos de Deus»]<sup>1</sup>.

O último romântico. O amor pela liberdade caracterizou a vida de São Josemaria. Ele tinha muitos motivos para ser um verdadeiro amante da liberdade. Entre outras coisas, porque sem liberdade não podemos amar. Por essa razão, considerava que, na ordem natural, o maior presente que Deus deu ao homem foi precisamente ter-nos criado livres: Deus quis correr o «risco» da nossa liberdade, para que possamos corresponder livremente com o nosso amor ao seu amor infinito.

Amor à liberdade, liberdade de amar. Josemaria era uma alma apaixonada por Deus e pelos homens. Em meu breve encontro com ele, percebi que o seu coração estava cheio desse amor, mas existem inúmeras pessoas que tiveram contato com ele e que testemunharam com fatos concretos a amplitude do seu coração apaixonado. Ele dizia de si mesmo: «São poucas as coisas em que posso servir de exemplo. No entanto, no meio de todos os meus erros pessoais, penso que posso servir como exemplo de homem que sabe amar»<sup>2</sup>.

Em outros momentos, ele se definia como um pecador que amava Jesus Cristo com loucura. Liberdade, amor, loucura. Esse terceiro conceito está muito presente na tradição

---

(1) Salvador Bernal, *Mons. Josemaria Escrivá de Balaguer: Perfil do Fundador do Opus Dei*, Quadrante, São Paulo, 1977, pág. 318.

(2) *Notas de uma reunião familiar*, outubro de 1968.

cristã, tanto oriental como ocidental. Em São Josemaria, ganhou muita força, porque ele via nessa «loucura» uma correspondência com a «Loucura divina». Reconhecia que estava louco perdido, mas louco por amor a Deus. A um Deus que é um «Divino Louco», que se rebaixa para tornar-se um homem, nascido no meio da pobreza em uma vila perdida na periferia do Império Romano, que se entrega de espontânea vontade à morte na Cruz, que se torna um pedaço de Pão para nos acompanhar e nos alimentar em nosso caminho para o céu.

Não é necessário ter fé para reconhecer que o amor autêntico supera amplamente as categorias do «razoável», do «medido», do «até certo ponto». Há alguns versos de Antonio Machado que ilustram essa dimensão do amor verdadeiro: «Foge do triste amor, amor pacato, / sem perigo, sem venda nem aventura, / que espera do amor fiança segura, / porque em amor loucura é o sensato»<sup>3</sup>. Nós também podemos acudir ao testemunho de Lope de Vega. Num desses sonetos que o madrilenho escreve, cheio de contrição por sua vida pecaminosa, pergunta poeticamente ao Senhor como tem de amá-IO. O próprio poeta responde: «Amar-vos quero já, não vos perguntar / porque o modo de amar-vos, meu Jesus, / Bernardo diz que é amar-vos sem modo»<sup>4</sup>. *Sem modo*, isto é, sem medida. Como o Amor do Senhor, que, ao preparar-se para a Última Ceia, prelúdio da Paixão, «nos amou até o fim» (Jo 13,1).

---

(3) *Huye del triste amor, amor pacato, / sin peligro, sin venda ni aventura, / que espera del amor prenda segura, / porque en amor locura es lo sensato*. Antonio Machado, «Soneto V». In: *Antología poética*, Edaf, Madri, 1987, pág. 229.

(4) *Amaros quiero ya, no preguntaros, / porque el modo de amaros, Jesús mío / Bernardo dice que es sin modo amaros*. Lope de Vega, «Soneto LXXXIX». In: *Rimas sacras* (edição de Antonio Carreño e Antonio Sánchez Jiménez), EUNSA / Editorial Iberoamericana / Vervuert, Madri, 2006, pág. 251.



Em 2 de outubro de 2018 se completam noventa anos desde que São Josemaria recebeu uma luz de Deus que deu um novo significado à sua vida, onde o amor – com seu ingrediente de loucura – e a liberdade ocupam um lugar central. Os corações dos homens e mulheres de todos os tempos e lugares vibram com amor e liberdade. Nós somos feitos para amar e ser amados. É por isso que é tão fácil sintonizar com seu espírito. Sua mensagem mudou a vida de muitas pessoas durante essas décadas e contém uma potencialidade destinada a expandir-se por todo o mundo. Esse aniversário é outra ocasião para pensar em alguns aspectos de sua mensagem, especialmente iluminadores nas circunstâncias da cultura contemporânea.

O livro que o leitor tem em mãos não é uma biografia: há muitas delas, e muito boas<sup>5</sup>. Tampouco é um estudo teológico – que, graças a Deus, também são abundantes –, nem uma simples compilação de textos. Trata-se de apresentar de maneira ordenada algumas das consequências da luz recebida por São Josemaria há noventa anos, e que hoje têm uma atualidade relevante. Obviamente, a ordem e os temas escolhidos obedecem a um critério pessoal. Trata-se de uma mensagem rica que permite diferentes abordagens. Estamos no campo do opinável, e como diria São Josemaria, nele a liberdade deve prevalecer.

---

(5) Entre as muitas biografias, cf. Salvador Bernal, *Mons. Josemaria Escrivá de Balaguer: Perfil do Fundador do Opus Dei*, Quadrante, São Paulo, 1977; François Gondrand, *Au pas de Dieu. Mgr. Escrivá de Balaguer, fondateur de l'Opus Dei*, France-Empire, Paris, 1982; Peter Berglar, *Opus Dei. Leben und Werk des Gründers Josemaría Escrivá*, Otto Muller Verlag, Salzburg, 1983; Ana Sastre, *Tempo de Caminhar*, Diel, Lisboa, 1994; Pilar Urbano, *O homem de Villa Tevere*, 2ª ed., Quadrante, São Paulo, 2017; Andrés Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, 3 volumes, Quadrante, São Paulo, 2004; Andrea Tornielli, *Escrivá, fondatore dell'Opus Dei*, Piemme, Milão, 2002; Nuria Torrell Ibáñez, *San Josemaría: Abriendo los caminos divinos de la tierra*, Palabra, Madri, 2013.

Na primeira parte, abordaremos o conteúdo da intervenção da graça de 2 de outubro em sua alma – o apelo à santificação e ao apostolado na vida comum – e nos meios que usou para difundir essa doutrina em todo o mundo. Na segunda parte, tentaremos esboçar alguns traços distintivos da vida espiritual do fundador do Opus Dei, seguindo um esquema trinitário. Na terceira, analisaremos os «lugares» onde somos chamados a santificar-nos: a Igreja e o mundo. Os três capítulos seguintes – que compõem a quarta parte – enfrentam o grande tema da liberdade como condição necessária para viver a nossa vocação de santidade. Finalmente, na quinta parte, dedicaremos algumas páginas às três áreas fundamentais da vida comum que somos chamados a santificar: o trabalho, a família e a sociedade civil.

PRIMEIRA PARTE

# Os caminhos divinos da terra



## 1. Num 2 de outubro, há noventa anos

Na vida de muitas pessoas, existe um momento-chave em que se percebe qual é o significado da existência: todas as experiências vividas anteriormente são colocadas em ordem, e fica clara uma situação no mundo, uma identidade mais profunda. Como quando você termina de montar um quebra-cabeça: as peças isoladas, aparentemente sem sentido, adquirem a sua razão de ser quando as vemos colocadas em seu lugar, fazendo parte da figura final.

A história sagrada oferece muitos exemplos desse momento-chave, quando a própria vocação fica clara. Lembremos de Moisés no Monte Sinai (Ex 3,1-3), ou Levi na mesa de cobrança de impostos, quando Cristo o chamou (Mt 9,9-13). Um desses momentos emblemáticos é o encontro de Saulo com Jesus ressuscitado no caminho de Damasco (At 22,6-16). A partir daí, a vida dele mudou de rumo e tornou-se cheia de sentido.

São Josemaria disse uma vez que Madri tinha sido a sua Damasco<sup>1</sup>. O Senhor vinha preparando sua alma de ante-

---

(1) Cf. *Apointamentos íntimos*, n. 993. Citado em A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, I, pág. 282.

mão: desde a adolescência, sentia no fundo do coração que o Senhor o queria para uma missão especial. Era o que ele chamava de «vislumbres». O jovem Josemaria estava disponível, aberto para o que o Senhor lhe pedisse, sem saber com certeza o que era. Por isso fez-se sacerdote e pedia com insistência para que se tornasse realidade aquilo que intuía sem ver claramente. Repetia para Jesus, como o cego Bartimeu: *Domine, ut videam!* («Senhor, que eu veja!»). E implorava à Virgem: *Domina, ut sis!* («Senhora, que seja!»).

O momento-chave, o «encontro decisivo» ocorreu em 2 de outubro de 1928, durante um retiro espiritual no convento dos padres lazaristas na capital espanhola. Nessa ocasião, recebeu uma graça de Deus, que o «iluminou» sobre o projeto que havia preparado para ele. Naquele dia, as peças do quebra-cabeça de sua vida tomaram forma e cor. Os «vislumbres» ganharam coerência e escopo definidos<sup>2</sup>.

Qual foi o conteúdo dessa «iluminação»? O que ele «viu» – ele costumava usar esse verbo para referir-se a essa experiência espiritual – em 2 de outubro? São Josemaria sempre foi parcimonioso ao explicar seu «momento-chave». Nas notas que fazia para a sua própria vida interior – os chamados *Apontamentos íntimos* –, escreveu: «Cristo nosso Rei manifestou seu desejo».

Em seguida, especificava tal vontade: «permanecendo nós sempre no mundo, no trabalho ordinário, nos nossos deveres de estado, e aí, através de tudo, santos!»<sup>3</sup>. O conteúdo fundamental da luz recebida naquele dia, nas palavras do Bem-aventurado Álvaro del Portillo, principal confidente

---

(2) Sobre os «vislumbres», cf. A. Aranda, *«El bullir de la Sangre de Cristo». Estudio sobre el cristocentrismo del beato Josemaría Escrivá*, Rialp, Madri, 2000, págs. 81-109.

(3) *Apontamentos íntimos*, n. 154. Citado em A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, I, pág. 277.

da sua vida, era que «a santidade – a plenitude da vida cristã – é acessível a todo homem, qualquer que seja a sua condição ou o seu estado, e que a vida comum, em todas as suas situações, oferece a oportunidade para uma entrega sem limites ao amor de Deus e para um exercício ativo do apostolado em todos os ambientes»<sup>4</sup>. Com uma bela expressão, percebia que haviam sido abertos «os caminhos divinos da terra»<sup>5</sup>.

A partir desse momento, a sua vida se identificou com a sua missão: difundir a mensagem do chamado universal à santidade por meio e através das circunstâncias comuns da vida. Numa carta dirigida a seus filhos, São Josemaria escreveu:

Jesus, Senhor Nosso, quer que proclamemos hoje em mil línguas – e com dom de línguas, para que todos saibam aplicá-la às suas próprias vidas –, em todos os cantos do mundo, esta mensagem velha como o Evangelho e, como o Evangelho, nova<sup>6</sup>.

Poucos anos antes, ele havia escrito:

Viemos dizer, com a humildade de quem se sabe pecador e pouca coisa – *homo peccator sum* (Lc 5,8), dizemos com Pedro –, mas com a fé de quem se deixa guiar pela mão de Deus, que a santidade não é coisa para privilegiados: que a todos nos chama o Senhor, que de todos espera amor: de todos, estejam onde estiverem; de todos, qualquer que seja o seu estado, a sua profissão ou o seu ofício. Porque essa vida corrente, ordinária,

---

(4) Álvaro del Portillo, *Una vida para Dios: reflexiones en torno a la figura de Josemaría Escrivá de Balaguer*, Rialp, Madri, 1992, págs. 45-46.

(5) *Amigos de Deus*, 4ª ed., Quadrante, São Paulo, 2018, n. 314.

(6) *Carta*, 09.01.1932, n. 91. Citada em A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, I, pág. 520.

sem brilho, pode ser meio de santidade: não é necessário abandonar o próprio estado no mundo para procurar a Deus, se o Senhor não dá a uma alma a vocação religiosa, já que todos os caminhos da terra podem ser ocasião de um encontro com Cristo<sup>7</sup>.

Era uma mensagem totalmente evangélica, mas, por ter sido dada por suposta, foi caindo no esquecimento. A luz do 2 de outubro iluminava a vida ordinária, corrente, comum, aparentemente inconsequente de todos os filhos de Deus. Era uma luz revolucionária, destinada a ampliar sem limites os horizontes habituais de qualquer pessoa, sem uma vocação especial para a vida religiosa ou para outro tipo de consagração além do Batismo.

Diante da vida comum, é possível ter atitudes muito diferentes. Um conto de origem medieval narra o diálogo entre um caminhante e três trabalhadores que se encontram pela estrada. Os três cortavam pedras, sob o forte sol de um dia de verão. O caminhante pergunta ao primeiro trabalhador o que está fazendo. Mal-encarado, este responde:

– Não está vendo? Cortando pedras e dando um duro danado.

Repete a pergunta óbvia ao segundo trabalhador. A resposta não é tão evidente. Com um rosto sereno, responde ao viajante curioso:

– Estou trabalhando para sustentar a minha família.

Finalmente, é a vez do terceiro trabalhador, que, com um sorriso invejável, afirma, cheio de orgulho saudável:

– Eu estou construindo uma catedral!

No mundo contemporâneo, existem milhões de pessoas

---

(7) *Carta*, 24.03.1930, n. 2. Citada em A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, I, pág. 276.



que vivem sem encontrar um significado para a sua vida cotidiana. O primeiro grupo de almas que Dante descreve no inferno é formado por aqueles que «na vida não eram nada»<sup>8</sup>, isto é, aqueles que se moviam de lá para lá, colocando-se sob o sol que mais aquece. Sem valores, sem raízes, sem estrelas para iluminá-los. Não deixaram vestígios após a sua passagem pela terra. Preguiçosos, como o servo do Evangelho que recebe um talento e o esconde em vez de negociar com ele (cf. Mt 24,14-30).

Há também muitas pessoas que contemplam seus deveres capitais – no trabalho, em casa, na sociedade civil – como pesados fardos que devem ser suportados, sem pensar muito no motivo. A existência apresenta-se como algo absurdo. Albert Camus exemplificou essa visão da vida com a imagem de Sísifo, o personagem da mitologia clássica que deve escalar até o topo de uma colina carregando uma grande pedra. Quando atinge o topo, a pedra cai, e Sísifo desce, pega a pedra novamente, coloca-a nas costas e repete a operação uma e outra vez<sup>9</sup>. A vida, para muitos, se identifica com essa interminável repetição de rotinas absurdas.

Outros vivem de acordo com o seu senso de dever, mas sem o calor e a luz que oferece abertura ao sobrenatural. Podem ser admiráveis por conta das suas virtudes, mas não têm a atração de quem supera os estreitos limites racionais para se lançar na aventura de viver tudo por amor a Deus e aos demais.

A mensagem que o Senhor queria transmitir através de São Josemaria amplia os horizontes e nos livra da angústia opressiva de uma visão plana da vida, ou da frieza que o simples cumprimento do dever nos dá. No novo contexto

---

(8) Dante Alighieri, *A Divina Comédia*, Inferno, III, 62.

(9) Cf. Albert Camus, *El mito de Sísifo*, Alianza, Madri, 2004.

da santificação da vida comum, tudo assume relevo, cor, profundidade. Nada é indiferente: mesmo as menores circunstâncias podem ser transformadas em um encontro de amor. Todos nós podemos construir catedrais para a glória de Deus e para o serviço dos homens. E isso sem sair do lugar, na monotonia diária. Com uma imagem feliz, São Josemaria dizia que estava em nossas mãos a possibilidade de transformar a prosa diária – o que fazemos todos os dias, onde, se nos descuidamos, podem entrar a rotina ou a falta de sentido – em decassílabos, em versos heroicos<sup>10</sup>. A vida se transforma em poesia, em uma aventura de amor.

Friedrich Nietzsche dizia de si mesmo que era uma dinamite<sup>11</sup>, pois queria explodir o sentido transcendente da vida com a sua filosofia. O chamado à santidade no meio do mundo, pelo contrário, é um olhar que descobre o sentido transcendente nas atividades cotidianas. Os cristãos têm uma «dinamite» melhor, uma carga revolucionária: «Se nós, os cristãos, vivêssemos verdadeiramente de acordo com a nossa fé», escreveu São Josemaria em *Sulco*, «produzir-se-ia a maior revolução de todos os tempos... A eficácia da corredenção depende também de cada um de nós! – Medita nisto»<sup>12</sup>. Trata-se de uma revolução do amor, para libertar o mundo das forças que o oprimem, angustiam e entristecem.

\* \* \*

Em 7 de outubro de 2002, São João Paulo II pronunciou as seguintes palavras diante de uma multidão

---

(10) Cf. *É Cristo que passa*, 5ª ed., Quadrante, São Paulo, 2018, n. 51.

(11) Cf. Friedrich Nietzsche, *Ecce homo*: «Por que sou uma fatalidade», 1.

(12) *Sulco*, 4ª ed., Quadrante, São Paulo, 2016, n. 945.

reunida na Praça de São Pedro por ocasião da canonização do fundador do Opus Dei, que resumem o que tentamos transmitir:

São Josemaria Escrivá foi escolhido pelo Senhor para anunciar a vocação universal à santidade e para indicar que a vida de todos os dias, as atividades comuns, são um caminho de santificação. Poder-se-ia dizer que ele foi o santo da normalidade. Com efeito, ele estava convencido de que, para quem vive segundo uma perspectiva de fé, tudo é ocasião de encontro com Deus, tudo se torna estímulo à oração. Considerada assim, a vida cotidiana revela uma grandeza insuspeitável. A santidade coloca-se verdadeiramente ao alcance de todos<sup>13</sup>.

---

(13) São João Paulo II, *Discurso aos peregrinos reunidos em Roma pela canonização de São Josemaria Escrivá de Balaguer*, Roma, 07.10.2002.